

FALA AI PROFESSOR/A!

Profa. Drn. Benícia Oliveira Silva*

Profa. Drn. Juliana Lapa Rizza**

Resumo

Este espaço de nossa revista é destinado para você conversar conosco sobre algumas situações que ocorrem em sua escola. Assim, estaremos, neste diálogo, indicando algumas possibilidades de trabalho para a promoção de uma educação para sexualidade em sua escola.

Olá, editoras! Sou diretora há 10 anos e confesso não saber como lidar com uma aluna recém-chegada na escola. Ela veio transferida de outro colégio devido à conduta dela e de outra estudante na escola anterior: elas foram pegas no banheiro com um menino e estavam "passando a mão" na genitália dele. Certamente, não houve alternativa a não ser a de convidá-las a se retirarem da escola que estudavam. Agora, aqui na minha escola, esta aluna vem vestida com calças justas e blusas decotadas, provocando um comportamento agitado nos meninos, causando uma série de problemas durante as aulas e nos demais espaços da escola. Já solicitei que ela faça uso do uniforme, mas a mãe dela não tem condições de comprá-lo. Quais encaminhamentos devo dar a este caso?

Olá, diretora. O caso que compartilha conosco traz aspectos bastante recorrentes nos espaços escolares. Muitas vezes, mesmo com uso do uniforme as/os alunas/os utilizam-se de diferentes estratégias para demarcar suas identidades nas roupas que vestem, seja na calça mais acinturada e justinha ou no detalhe da calcinha/cueca aparecendo. O fato é que as/os adolescentes, assim como nós, adultas/os, têm diferentes formas de expressarem suas formas de serem e estarem no mundo, e uma delas é representada pelos modos de se vestirem. Muitas vezes, as roupas que as/os jovens usam são para que se sintam parte de um determinado grupo e os significados que seus estilos têm para elas/es podem não ser os mesmos que nós damos.

*Doutoranda do PPG Educação em Ciências (FURG)

**Doutoranda do PPG Educação Ambiental (FURG)

Pensando na aluna da sua escola, por exemplo, podemos pensar que, ao se vestir com roupas justas e decotadas, ela não esteja querendo provocar os meninos, mas sim porque gosta de se vestir desse modo, sente-se bonita com esse tipo de roupa. Acredito que a questão é: esse tipo de roupa é o mais adequado para usarmos no espaço da escola? Esta questão não deve ser discutida apenas com essa aluna, pois não há necessidade de expô-la ainda mais, devido aos motivos que a levaram a sua escola. Propor um tema de debate, do tipo "com que roupa eu vou?", para todas/os alunas/os é uma ótima estratégia de possibilitar um espaço para que se converse a respeito de qual seria o modo mais legal de nos vestirmos em diferentes lugares.

Outro ponto importante acerca do caso que relatas, e também bastante pertinente de trabalhar com todas/os estudantes, é a cultura da violência às mulheres, na qual as meninas e as mulheres são educadas a não provocarem os meninos e os homens, quando, na verdade, os meninos e os homens é que deveriam ser educados a não violentarem as meninas e as mulheres. Pensemos o que aconteceu com a aluna e a colega dela na escola anterior: as duas foram obrigadas a saírem da escola, no entanto, o menino permaneceu. Esse tipo de atitude reforça o entendimento de que os meninos e os homens podem abusar das meninas e das mulheres se elas estiverem provocando-os, pois isso é do instinto deles e, também, elas não "se deram ao respeito". Utilizar um discurso biológico para naturalizar um ato de violência não é mais aceitável. Precisamos trazer esta discussão para dentro das nossas escolas, problematizando o quanto essa representação cultural não deve mais ser difundida, independente de sexo, de gênero, de raça, de classe social, da roupa que veste, todas/os devem ser respeitadas/os. Os limites de acesso aos nossos corpos, somos nós quem damos.

Queridas editoras! Sou professora de uma turma de 3º ano de uma escola municipal de Rio Grande/RS e tenho percebido, na minha sala de aula, que um dos alunos tem sido motivo de piadinhas e preconceito por parte da turma. Ele não gosta de brincar com coisas "ditas" de meninos e, por esse motivo, ele é chamado por alguns/algumas colegas de bichinha, mulherzinha. Essa situação ficou ainda mais insustentável quando recebi uma carta desse aluno de 8 anos pedindo ajuda, pois se sente triste na escola com os constantes deboches por parte de alguns meninos e também de algumas meninas, porque ele não gosta de jogar futebol. Na família, esse menino faz natação, esporte incentivado e também praticado pelo pai, mas a escola não dispõe dessa modalidade, sendo assim, ele não interage com os meninos, que organizam times de futebol para jogar no recreio e na Educação Física. Além disso, na hora do recreio, por

não gostar de jogar futebol, ele brinca com as gurias de pular elástico. Bem, de que forma posso discutir estas questões que têm emergido na minha sala de aula com as crianças; e também que estratégias posso utilizar para tentar minimizar esse preconceito que meu aluno tem sofrido, fazendo assim da escola um lugar que respeita as diversidades?

Prezada professora! Antes de pensarmos juntas de que maneira podemos discutir com as crianças as diferentes formas de meninos e meninas viverem a sua masculinidade e a sua feminilidade na nossa sociedade, é importante que possamos conversar um pouco sobre um aspecto que a tua vivência suscita, que é o entrelaçamento entre as identidades de gênero e sexuais, que se dá devido a normas e padrões estabelecidos socialmente.

As identidades de gênero são as formas dos sujeitos viverem as suas masculinidades e feminilidades, e isso não se dá de uma única forma, ou seja, não existe um único jeito de ser homem, assim como não existe uma única maneira de ser mulher. Existem múltiplas formas de ser homem e mulher, mas na nossa sociedade o que se percebe é o estabelecimento de uma norma, ou seja, social, histórico e culturalmente são atribuídos aos homens alguns marcadores sociais, como a voz grossa, não chorar, a força física; já às mulheres são atribuídos os gestos delicados, o trato com as crianças, estabelecendo assim, a partir de padrões sociais, uma única forma de ser homem e mulher na nossa sociedade.

Já as identidades sexuais, dizem respeito à forma dos sujeitos viverem os seus prazeres e desejos sexuais, que pode ser a homossexualidade, a heterossexualidade e a bissexualidade. Essas identidades – de gênero e sexuais – se entrelaçam, ou seja, se o sujeito não vive a sua masculinidade ou feminilidade dentro dos padrões socialmente estabelecidos, passe-se a duvidar da sua identidade sexual, que é o caso do seu aluno, professora. Por exemplo, uma mulher que não gosta de pintar as unhas, usa roupas largas, não usa salto alto, não vive a feminilidade dentro do que a sociedade estabelece como padrão; assim passa-se a questionar a sua identidade sexual. Sendo assim, é relevante apontar que esse entrelaçamento se dá devido a esses padrões estabelecidos pela nossa sociedade de como homens e mulheres devem viver.

Então, a partir dessas discussões e do teu relato, que estratégias podemos utilizar no espaço da sala de aula, para discutir essa diversidade, essa multiplicidade de maneiras de ser homem e mulher?

Uma atividade com que podemos iniciar a discussão com as crianças acerca das questões de gênero é a partir de recortes de revistas, em que a proposta é selecionar, nesse

artefato cultural, a diversidade de formas de homens e mulheres se vestirem, se comportarem e que isso não tem relação com a maneira dos sujeitos viverem seus prazeres sexuais – identidade sexual. Outra estratégia é discutir se existem profissões de homens e mulheres? Ou se ambos podem exercer as mesmas atividades como, por exemplo, dirigir caminhão, arrumar a casa, cuidar dos filhos, participar de corrida de carro... entre outras atividades. Essa abordagem também pode ser utilizada para discutir os esportes, mulheres jogam futebol, homens fazem ginástica olímpica, por exemplo.

A partir destas discussões, estaremos possibilitando, na nossa sala de aula, que se produzam espaços de discussões acerca das questões de gênero e, desta forma, estaremos contribuindo para minimizar o preconceito e a discriminação que homens e mulheres sofrem por não se enquadrarem nos padrões socialmente estabelecidos para que os sujeitos vivam a sua masculinidade e feminilidade.

Professora, desejo que as discussões com as crianças sejam bastante produtivas e que eles possam repensar acerca da multiplicidade de maneiras de ser homem e mulher na sociedade em que vivemos!! Bom trabalho!